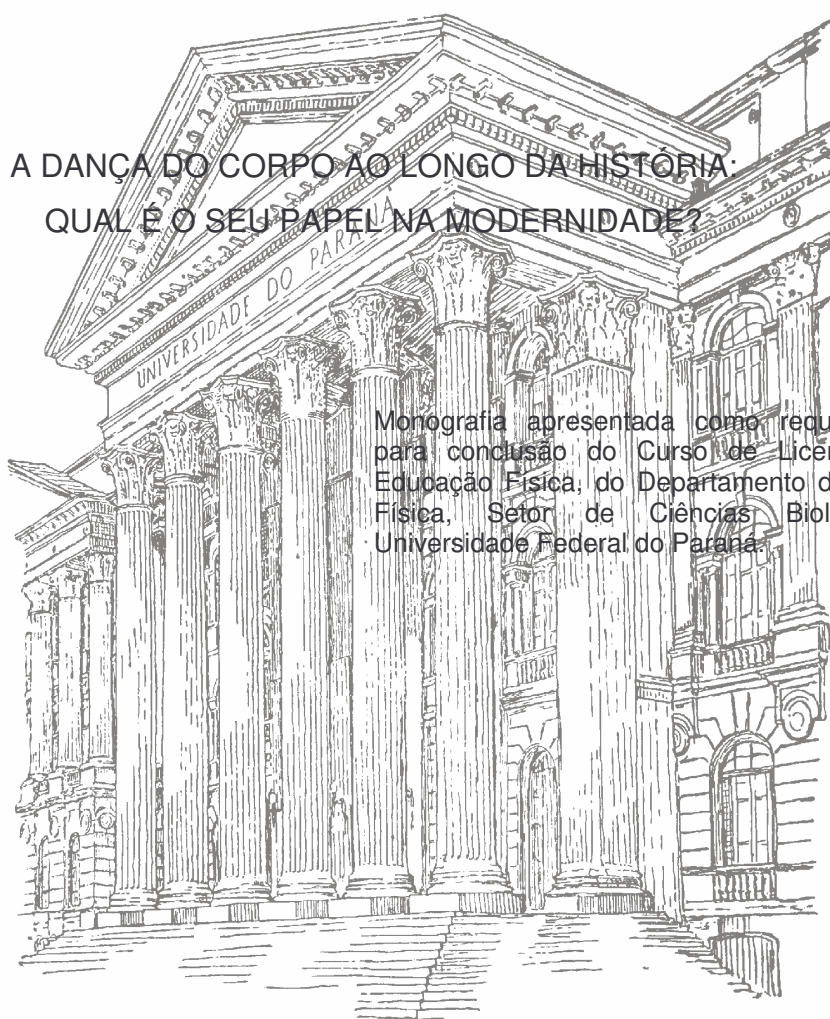


THALITA GABRIELA ALVES

**A DANÇA DO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA:
QUAL É O SEU PAPEL NA MODERNIDADE?**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de Educação
Física, Setor de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal do Paraná.



**CURITIBA
2006**

THALITA GABRIELA ALVES

**A DANÇA DO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA:
QUAL É O SEU PAPEL NA MODERNIDADE?**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: SÉRGIO ROBERTO ABRAHÃO, MSC.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	v
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	2
1.3 OBJETIVOS	3
1.3.1 Objetivo Geral	3
1.3.2 Objetivos Específicos	4
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 O CORPO AO LONGO DOS TEMPOS	5
2.2 CORPO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA	24
3 METODOLOGIA	32
4 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	36

AGRADECIMENTOS

Aqueles que estiveram ao meu lado durante toda a minha jornada, entre certezas absolutas quebradas e novas incertezas.

A minha mãe, que muitas vezes abriu mão do seu caminho em nome do meu, que soube compreender meus sonhos eternos que mudam todos os dias. Ao meu pai, por me ensinar que não existe um topo no mundo. A minha irmã, minha fonte de alegria, energia e inspiração.

Ao meu orientador, por não me impor limites, por me permitir simplesmente pensar e, sem dúvida, pela sua franqueza.

Ao primeiro professor que me apresentou a filosofia e a relatividade de tudo o que existe ou não, professor Fernando, que desapareceu sem se despedir por não gostar do adeus.

Aos professores que me permitiram experimentar, sentir e estudar o movimento corporal em suas diferentes dimensões, em especial, Hany Lissa. A essa mesma pessoa, por me ensinar que eu sou o que eu penso.

Aos amigos, que entre risos e sermões, sempre estiveram ao meu lado para festejar, acalmar, para dar forças e incentivo.

Aos que desacreditaram do meu potencial, por me ensinarem que não existe limite ou impossível para quem tem força de vontade.

RESUMO

Desde o início da história da humanidade se discute as relações sociais que ela – a humanidade – estabelece com seu corpo, dos gregos à sociedade de massa moderna. Por meio do diálogo com diferentes correntes filosóficas, levantam-se inúmeras questões voltadas para o papel conferido ao corpo e para a convivência com o mesmo. Baseando-se nesse cenário teórico, este trabalho procura mostrar de que maneira o homem se relaciona com seu corpo, em sua complexidade e totalidade, possibilitando aos profissionais de educação física, entre outros nichos interessados, repensarem a prática e o exercício do corpo nessa atividade. Utilizando-se de um embasamento científico e literário, dados históricos foram descritos e analisados neste estudo demonstrando sob quais processos o corpo-homem passou, sobreviveu e assimilou. Através de diferentes linhas de pensamento este trabalho busca analisar de que maneira a sociedade lidou com a questão ao longo da história, influenciando toda uma posterior corrente filosófica. A partir dessa dança histórica vivida pelo corpo é possível enxergar com maior clareza como ele está inserido dentro da escola, da educação física, como e por que ele é visto, tratado e educado.

Palavras – Chave: Corpo, História, Educação, Educação Física.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do problema

O corpo como primeiro plano de visibilidade humana, como lugar privilegiado das marcas da cultura ou como lugar onde a mão adulta marca a criança, como espaço de imposição de limites psicológicos e sociais... tem sido pouco considerado no campo da educação e, mais especificamente no campo de educação física. (SOARES, 1999, p.11)

A concepção que se tem do corpo é um tema complexo - por que ela não é algo acabado e cristalizado - que nos remete a uma série de reflexões filosóficas a respeito de seu reconhecimento enquanto tal. Segundo BRAGATO (2001, p. 32) “ao olharmos para um determinado corpo ele já é diferente daquilo que imaginávamos ser a poucos segundos”. Baseando-se nessa citação percebe-se que a concepção de corpo é geralmente o resultado de um pensamento hegemônico, da ideologia dominante da sociedade que se apresenta em um determinado momento, ou seja, o pensamento do homem sobre o próprio corpo é caracterizado segundo a configuração social, a cultura local, o sistema econômico, a ordem religiosa, entre outros fatores externos a ele, mas que lhe são inerentes. Considerando nesse estudo o homem enquanto sujeito histórico, é lógico afirmar que ao longo da história esta concepção de corpo sofreu diversas mudanças. Assim, não há como deixar de levantar questões sobre o corpo, pois elas e suas possíveis respostas estão em constante mutação. Afinal, como o corpo é visto e tratado hoje?

Imerso numa sociedade que vive um processo de padronização de comportamento e costumes, que dita desde o que consumir até o que ser e como agir, o que representa então o corpo na vida do homem moderno? Responder a esses questionamentos seria no mínimo pretensioso de minha parte. O problema em questão é a falta de reflexão sobre essas e outras indagações envolvendo o corpo por parte dos educadores da área, especificamente os professores de educação física. Refletindo sobre o tema, elaborar uma pesquisa para compreender o porquê dessa “desatenção” ao corpo não é tão útil quanto propor um material que instiga reflexões sobre o mesmo, pois é preciso repensar velhos paradigmas que cercam os conceitos de corpo, abrindo espaço para novas discussões, para que o assunto esteja cada vez mais presentes no âmbito de Educação Física, envolvendo o papel do professor de educação física na construção da corporalidade. De acordo com

OLIVEIRA (2003, p.157), esse processo representa o “conjunto de práticas corporais do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização das relações do homem entre si e a natureza [...]”, dos seus alunos, considerando que essas construções estão ligadas à formação dos mesmos enquanto sujeitos.

Os professores chegam às escolas sem preparo para trabalhar com alunos físicos, corporais, que são e sentem pelo corpo, pois em seu processo de formação, enquanto alunos e enquanto profissionais, foram levados a crer que existe uma educação física e uma educação não física. Cabe a aula de educação física trabalhar apenas o físico. Há uma necessidade de se repensar o que o ser humano é: um conjunto de partes independentes ou um todo indissociável? E apenas a partir daí a prática dos profissionais dessa área poderá caminhar junto com a prática de todos os envolvidos no processo de educação nas instituições de ensino, deixando de representar um recreio prolongado para se exercitar um pouco.

1.2 Justificativa

Partindo do pressuposto de que toda a experiência é eminentemente corporal (OLIVEIRA, 2006), tudo que vivemos, sentimos, pensamos ou fazemos ocorre necessariamente através do corpo. A relevância de se pensar sobre o corpo se pauta nessa afirmação. IMBASSAÍ (2003, p. 48) confirma dizendo “o nosso corpo é o nosso referencial mais imediato e concreto [...] toda e qualquer iniciativa em toda e qualquer direção, parte, invariavelmente, do próprio corpo”.

Sendo o corpo um ponto central na educação física, é fundamental que se trabalhe pensando no papel desse elemento. Quem é esse corpo, qual lugar ele ocupa, o que ele representa?

Após anos de diferentes formas de apreensão do corpo, restabelecer o contato do homem com o corpo que ele é se faz importante para uma vida plena, completa e mais consciente. O ser humano não é um apanhado de partes independentes, é sim um todo, que envolve indissociavelmente corpo físico, mente e espírito, fazendo do corpo em sua totalidade um sistema único. Passar a expressão de “ter” para “ser” o corpo é aprender a conhecer a si próprio. Indago: como entender o mundo sem entender minimamente a si mesmo?

GEHLEN citado por FREITAS (1999, p.25) diz que uma das características fundamentais do homem é a sua capacidade de tomar uma posição e, deste modo, atuar em face de si mesmo e do mundo. Para o autor isso só é possível a partir da construção de uma imagem de si mesmo. A partir do que o homem acredita ser, do que acredita poder, e entre outras indagações do que tem como ideologia, ele vai formular como pensar e agir no mundo. Tudo isso passa pelo corpo. O que o homem pensa, o que ele acredita, o que deseja, o que vive, o que experimenta, tudo chega a ele através do corpo, e é a partir disso que ele vai formular suas crenças.

Tomando isso como base, a Educação Física, mesmo não possuindo um campo delimitado e um conteúdo exato, poderia e deveria se preocupar em voltar sua atenção para as questões referentes ao corpo. Sendo o professor um educador, instruir-se a respeito das questões acerca do corpo, além daquelas de caráter biológico, é fundamental considerando que o corpo está diretamente relacionado com a construção da visão de mundo de seus alunos, e desta forma torna-se uma tarefa importante para o educador. Mais que isso, a educação física enquanto disciplina, enquanto componente curricular obrigatório, deve fazer parte do quadro de disciplinas de uma forma real, não apenas no papel, deve ser um componente que de fato contribua na educação de seus alunos. Considerando a probabilidade mínima de uma mudança em todo o currículo que rege o sistema nacional de educação, a educação física pode ensinar os alunos a ser corpo novamente, a ser um todo, a sentir e compreender tais sensações, a se aproximar do que ele de fato são: corpo.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Estabelecer um diálogo com diferentes pensadores que levantam questões voltadas para o corpo e para a convivência com o mesmo, despertando e/ou alimentando a necessária reflexão acerca do corpo em sua complexidade e totalidade, entre os profissionais de educação física.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Pesquisar as possíveis contribuições de alguns fatos históricos para que se chegasse às concepções contemporâneas de corpo que estão em voga na atualidade.
- Instigar os profissionais de educação física a repensar no seu papel dentro das instituições de ensino.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Histórias do corpo ao longo da história

Facilidade, mas traiçoeira, para quem tenta colher o conceito de corpo na correnteza da história: reaparecendo em pontos nevralgicos da cultura ocidental, a oposição entre corpo e alma deita raízes, entretanto, em contextos tanto díspares - conquanto às vezes em diálogo - que se torna difícil rastrear elementos comuns entre eles: o “corpo-cárcere” dos pitagóricos parece tão distante da “carne-pecadora” dos cristãos quanto a *res extensa* cartesiana do corpo hoje ansioso por emancipar-se do orgânico. (FONTES, 2004, p.2)

Desenvolver uma história dos diferentes significados do corpo não é tarefa apenas para um capítulo de monografia. Poderia ser um plano a ser realizado ao longo da vida, já que as concepções de corpo têm diferentes características segundo cada lugar, não havendo um comum acordo definido e estrutura sobre como de fato se pensava sobre ele em cada época, ou mesmo na atualidade. Ainda assim presumo que tal plano não seria concluído, ficando muitos questionamentos a serem respondidos ou mesmo identificados. Convida-se o leitor a não procurar simplesmente a palavra “corpo” no texto que segue, pois em vários momentos ela não irá aparecer. O objetivo é incitar a reflexão, então, por vezes em seu lugar haverá fatos históricos que influenciaram nos pensamentos que foram desenvolvidos em torno do assunto. Diversos fatos ocorreram paralelamente aos que aqui estão colocados, de forma que em algumas épocas outros pensamentos, ora antagônicos, estavam sendo formulados ao mesmo tempo do que os apresentados.

A palavra corpo é uma das mais ricas da língua portuguesa, podendo estar à frente de diferentes significados. “Corpus designava em latim, o corpo em oposição à alma, de onde vem o sentido de cadáver [...] Sua raiz indo-européia, *kṛp*, que significa forma, é sob esse aspecto, sintomática: continuando a nomear, em certos contextos, o cadáver, o corpo adquire, para consciência lingüística da latinidade, o sentido de objeto em sua organização visível” (FONTES, 2004, p.1). Assim, cada área de conhecimento humano apresentou a sua definição para o corpo humano, que sempre despertou curiosidade, incitou pesquisas, teses, teorias, por ser uma expressão visível e tocável da existência. E a partir da história da humanidade encontram-se dados que nos levam algumas teorias acerca do papel conferido ao corpo em diferentes períodos.

“Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida” (SANT’ANNA, 2004, p.1). A história do papel do corpo está intimamente ligada com a história da humanidade, não há como tratar do tema sem pensar na própria evolução humana e das sociedades.

Há milênios se pensa sobre a existência e origem do mundo no mundo, provavelmente desde que o homem deixou de agir por instinto para agir conforme dita sua razão. Inicialmente, para os homens da caverna, o corpo era um instrumento de caça, de defesa, de comunicação, de garantia da perpetuação da espécie (ATON, 2000). Mais à frente poucas produções foram deixadas pelos povos da antiguidade para o tema desse trabalho. Egípcios, mesopotâmicos, hebreus, fenícios e persas, mesmo com a considerável contribuição no campo da economia, da cultura, das artes, da ciência e mesmo da religião falam sobre o corpo como uma casa para alma, falam de suas enfermidades, sobre a vida após a morte, mas pouco falam do corpo em si. O corpo aparece não como protagonista dos pensamentos, mas como um personagem secundário em histórias religiosas, envolvendo deuses e crenças, entretidos nas relações entre a natureza e o homem. É importante ressaltar que esses povos viviam numa fase de grande desenvolvimento, de grandes descobertas, de surgimento de novos pensamentos, de tentativa de compreensão da própria dimensão da terra, de forma que a atenção pouco se volta para o corpo em sua dimensão histórica (TOTA e BASTOS, 1993).

Na história do Antigo Egito encontramos alguns fragmentos que nos levam a compreender filosofias futuras. No Livro dos Mortos, cujo verdadeiro nome é *Saída para a Luz do Dia*, a ressurreição e vida futura, a grande idéia central da imortalidade, o viver no além túmulo, a natureza divina e o julgamento moral dos mortos, aparecem em sua coleção de textos religiosos, sendo o primeiro livro da humanidade, segundo FERNADES, (2002). O mesmo autor fala sobre a forma com que a natureza do homem é explicada pelos egípcios envolvendo diretamente o corpo:

O corpo físico era o CAT. Ligado a esse CAT estava o duplo do homem o CA, cuja existência é independente do CAT podendo ir para lugares à sua vontade, as oferendas são para alimentar o CA que come, bebe e aprecia o cheiro do incenso. À alma chamava-se BA que é algo sublime, nobre, poderoso. O BA morava no CA e tinha forma e substância e aparece

como um falcão com cabeça humana nos papiros. O coração, AB, era a sede da vida humana. A inteligência espiritual, ou o espírito do homem era CU que era a parte brilhante e etérea do corpo e vivia com os deuses no céu. Outra parte do homem que também ia para o céu era o SEQUEM que era a sua força vital. Outra parte do homem era o CAIBIT, ou sombra, sempre considerada próxima à alma, o BA. Por fim, temos o REN que é o nome do homem e que é uma de suas partes mais importantes, pois se o nome for eliminado poder-se-á se destruir o homem, ou seja, o homem se constituía de corpo, duplo, alma, coração, inteligência espiritual, poder vital, sombra e nome, e essas 8 partes podem se reduzir a 3 partes corpo, alma e espírito, deixando-se de lado as 5 outras". Na V dinastia (3400 a.C.) afirmava-se de modo preciso: "A alma para o céu e o corpo para a terra. (FERNANDES, 2002, p.1)

Passeando pelo tempo encontramos pensadores na Grécia clássica que exerceram grande influência no pensamento ocidental sobre o corpo. Os gregos deixaram um legado que influenciou toda a posterioridade em se tratando de idéias, pensamentos e teorias, que se estendem até hoje. Para que seja possível compreender a linha de raciocínio que segue, será tratado brevemente a respeito de alguns filósofos e sofistas desse período.

Os primeiros filósofos gregos eram chamados de filósofos da natureza, já que voltavam sua atenção para a natureza e para os processos naturais. Eles começavam a se preocupar em entender as coisas sem precisar recorrer aos mitos (GAARDER, 1995). A preocupação com as enfermidades do corpo se acentuou e, assim, buscavam na natureza a cura para as mesmas. "A natureza deveria ser uma referência essencial ao conhecimento e ao cuidado dos corpos [...] De Hipócrates a Galeno, de Descartes a Linné, o naturalismo médico manteve milhares de adeptos" (SANT-ANNA, 2004, p.5). Nesse momento a filosofia começava a separar-se da religião.

O que há em comum entre estes filósofos é o fato de que todos acreditavam haver uma substância básica que estaria por trás de tudo o que existia. Todos se preocupavam com as transformações da natureza, com os fenômenos naturais, praticamente não se falando da própria existência humana entre os anos de 585 e 450 a.C. De acordo com GAARDER (1995), existe a formulação de teorias que dizem que tudo é formado por um ou por vários elementos. Empédocles diz que a mistura em diferentes proporções da terra, do fogo, da água e do ar resulta em tudo o que existe. Anaxágoras diz que tudo é formado por sementes, ou germens ligados por uma energia chamada de inteligência. Posteriormente, Demócrito diz que tudo é formado por átomos, que são "pecinhas" de diferentes formas, eternas e imutáveis, que se ligam e se desligam formando diferentes figuras. Ou seja, tudo na natureza

flui, segue um fluxo, muda, de acordo com uma unidade imutável, que seria o átomo. O corpo parece ter um papel secundário na vida dos gregos até então.

É então que Hipócrates (460- 377 a.C.), considerado por muitos como uma das figuras mais importantes da história da saúde e, freqüentemente considerado "Pai da Medicina" ou "Pai das Profissões da Saúde" (GAARDER, 1995), formula sua questão: "o corpo constituído por humores tendia a permanecer em equilíbrio. A doença era traduzida em termos excessão natural, como se ela fosse um desequilíbrio que pudesse ser curado pela própria natureza" (SANT-ANNA, 2004, p.6). Ou seja, Hipócrates acreditava que a saúde humana estava ligada com a natureza. Logo, o corpo era pensado em conjunto com os fenômenos naturais, era como uma parte integrante de todo meio, sendo diretamente influenciado pelo mesmo. Hipócrates acreditava que esta relação não se dá por causas sobrenaturais, pois ele separa a medicina da magia, mesmo vivendo dentro de um contexto em que se formavam numerosas correntes religiosas (SANT'ANNA, 2004).

Por volta de 450 a.C., como é sabido, Atenas se tornou um centro cultural grego, o que resultou num novo rumo à filosofia. O próprio homem e a sua posição na sociedade começaram a se tornar o centro das reflexões (GAARDER, 1995). Isso por que a educação em Atenas visava o "ser belo e bom" físico e moralmente (TOTA e BASTOS, 1993). A democracia estava em pleno desenvolvimento, em especial com o surgimento dos sofistas¹. Segundo o sofista Protágoras, citado por GAARDER (1995, p. 78) "o homem é a medida de todas as coisas" e ainda "dos deuses nada posso dizer de concreto [...] pois nesse particular são muitas as coisas que ocultam o saber: a obscuridade dos fatos é a brevidade da vida humana". Assim, pouco a pouco as pessoas passam a repensar a existência dos deuses, passam a se preocupar mais com o que é concreto, com o que é passível de verificação e aprovação. Os homens começam a dar valor para si e para a própria existência, abrindo uma brecha para a formulação futura de idéias envolvendo o corpo. Até aqui se comentou sobre alguns pensadores chamados de pré-socráticos.

Sócrates (470-399 a.C.) mesmo não tendo deixado registros escritos de sua obra valorizou a descoberta do homem feita pelos sofistas, orientando-a para os valores universais, segundo a via real do pensamento grego. A introspecção é o

¹ Sofistas: pessoas nascidas ou atraídas para Atenas pela sua condição de "centro cultural", que se julgavam detentoras do saber e se autodenominavam assim, cobravam para ensinar. Diferente dos filósofos, que diziam que nada sabiam e queriam chegar ao verdadeiro conhecimento. (GARRDER, 1995)

ponto característico da filosofia de Sócrates, como fica claro na sua famosa frase e lema *conhece-te a ti mesmo* – o que também quer dizer: torna-te consciente de tua ignorância (GAARDER, 1995).

Desta maneira, pouco a pouco o pensamento volta-se para o próprio homem. Sócrates morre em 399a.C, mas Platão e Xenofonte, seus discípulos, incumbem-se de registrar muito de sua obra. Para Platão, como já em Sócrates, a filosofia tem um fim prático, moral; é a grande ciência que resolve o problema da vida. Este fim prático realiza-se intelectualmente através da especulação, do conhecimento da ciência. Diferente de Sócrates, que limitava a pesquisa filosófica ao campo antropológico e moral, Platão estende tal indagação ao campo metafísico e cosmológico, isto é, a toda a realidade e segundo o pensamento platônico consideramos:

[...] o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto, que ilumina o primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar. A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe que o é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe que o é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso, errôneo. (PADOVANI e CASTAGNOLA, 2006, www.mundodosfilosofos.com.br/platão.htm)

Logo, para Platão o saber intelectual transcende, é superior, é mais importante que o saber sensível. Essa separação de saberes está diretamente ligada à dicotomia “corpo e mente”, já que o corpo seria responsável pelo saber sensível e a mente responsável pelo saber intelectual.

Para Platão também tudo o que podemos sentir e tocar flui, está sujeito à corrosão do tempo. A partir desse pensamento ele começa a questionar a existência, a tentar compreender de onde as coisas vêm, por que são efêmeras. E mais uma vez ele estabelece uma dicotomia, criando dois mundos: O mundo dos sentidos e o mundo das idéias. Tudo o que existe no mundo dos sentidos foi moldado por uma “forma”, chamada de “idéia”, no mundo das idéias. As idéias seriam como formas de bolo perfeitas e imutáveis que moldam a existência para um mundo paralelo. Tudo o que é moldado não é perfeito como a idéia original e, assim, os seres diferem entre si. Por isso duas pessoas ou dois pássaros não são iguais. (GAARDER, 1995). Ou seja, tudo o que é vivo é uma copia imperfeita de idéias do

mundo das idéias. O mundo das idéias é perfeito e eterno, enquanto o mundo dos sentidos é imperfeito e efêmero. Possivelmente essa teoria levou pensadores a refletirem sobre o assunto já com um paradigma interiorizado, inferiorizando o corpo em detrimento à mente.

Para Platão, portanto, o homem também é um ser dual. Temos um corpo, que “flui” e que está indissoluvelmente ligado ao mundo dos sentidos, compartilhando o mesmo destino de todas as coisas presentes neste mundo. [...] Todos os nossos sentidos são ligados a este corpo e, conseqüentemente não são inteiramente confiáveis. Mas também possuímos uma alma imortal, que é a morada da razão. E justamente porque a alma não é material, ela tem acesso ao mundo das idéias. (GARRDER, 1995, p.103)

Ainda conforme Platão a alma pode existir sem um corpo. E de fato ela já existe, só que no mundo das idéias. Quando vem a habitar o corpo se esquece de sua existência anterior. A união entre o corpo e a alma é extrínseca, violenta. A alma não encontra no corpo um complemento e sim uma prisão, que impede o intelecto de se desenvolver, pois precisa relembrar, através da visão do mundo imperfeito dos sentidos, de sua verdadeira morada, o mundo das idéias (GAARDER, 1995).

O corpo na Antiguidade não passava de um mero instrumento da alma segundo ARANHA (1986), ou ainda de um obstáculo a ser vencido para se alcançar o “verdadeiro conhecimento”. PLATÃO (1978) fala do corpo como um vilão da estrutura ontológica do homem, sendo que apenas a alma tem valor. Conforme esse autor, em linhas gerais, toda a pré-disposição ao mal que existe no homem provém do corpo. Sim, pois tanto a corrupção quanto a decadência moral partem do mesmo. O pensamento platônico define o homem como corpo e alma, valorizando o mundo inteligível em detrimento ao sensível. A alma detém o conhecimento enquanto o corpo a aprisiona e a domina.

De acordo com GONÇALVES e COELHO (2000), durante boa parte da antiguidade, não apenas em Platão, mas de modo generalizado, se perpetuou à idéia do corpo como a parte má e perigosa do ser humano. A partir de Aristóteles (GONÇALVES, 1993) encontra-se um reconhecimento do papel do corpo e dos sentidos no conhecimento, mesmo que ele afirme que a vida deve ser dirigida pela razão. O exercício físico seria um meio para o relaxamento das forças tendenciosas no corpo de aprisionamento da razão (GONÇALVES e COELHO, 2000).

Aristóteles, filho de um médico, fundador do que mais tarde se chamaria biologia, desde os vinte anos de idade, se contrapôs às idéias de seu mestre Platão

em diversos aspectos (SANT'ANNA, 2004). Acreditava que a alma não podia existir sem um corpo, e ainda, que não existia um mundo das idéias, tudo o que existe na alma são reflexos do que existe na natureza. Não podemos nos lembrar de um passado no mundo das idéias, já que só sabemos o que já vimos anteriormente. Para Aristóteles a alma é a forma do corpo, seu princípio dinâmico, sendo ligada a ela, por isso o corpo não pode existir sem uma alma (GAARDER, 1995). Aristóteles fala do fogo como fundamental para a vida do universo e dos corpos que nele habitam. O fogo estaria relacionado a uma espécie de calor vital, sendo o frio a perda do mesmo (SANT'ANNA, 2004).

Já para Galeno (129 à 200 d.C.) a saúde do corpo esta relacionada ao equilíbrio somente entre suas partes, e não entre o corpo e a natureza como se acreditava (SANT'ANNA, 2004). Ele desenvolveu diversos estudos, em especial nas áreas de fisiologia, anatomia e patologia.

Possivelmente conforme o corpo é estudado, descoberto e compreendido, ele passa a ter um caráter biológico, sistemático, mecânico, surgindo uma visão reducionista do mesmo, incrementada com a idéia de que ele é uma casa para a alma. Durante o período medieval que estava por vir o pensamento de Galeno foi uma das fortes referências norteadoras para os povos da época (SANT'ANNA, 2004).

A importância de conhecer um pouco sobre esses filósofos gregos está na influência que eles exerceram sobre a construção da igreja que viria a se formar tempos depois, que direcionou a concepção de corpo na história do mundo ocidental. “O corpo surge, pois, para o Ocidente cristão e herdeiro do pensamento grego, num jogo semântico com sua sombra - alma, consciência e espírito - instaurado, uma obstinada dicotomia que continua a investir nosso saber mais espontâneo sobre o mundo [...]” (FONTES, 2004, p.2).

No período da Grécia Clássica, além da tentativa de invasões de outros povos, na própria Grécia existia rivalidade intensa entre algumas de suas cidades, a exemplo Atenas e Esparta. É pertinente comentar que em Esparta havia uma forte preocupação com a educação voltada para o militarismo. Enquanto que em toda a Grécia havia a preocupação com uma boa educação, voltada para a gramática e para os exercícios físicos, importando-se com o uso de roupas confortáveis e uma alimentação que satisfizesse, enquanto que os espartanos educavam para a guerra.

LICURGO citado por TOTA e BLASTOS, (1993, p.18) falando da educação espartana decretou que “em vez de amolecer os pés com sapatos ou sandálias, [...] deveriam endurecê-los andando descalços”. O corpo devia ser forte e jovem, sendo castigado com chicote pelo educador quando necessário.

Além das guerras internas, como a Guerra do Peloponêso, as tentativas de dominação por outros povos se intensificaram pouco a pouco e, logo, as cidades gregas foram arrasadas e seus habitantes escravizados pelos persas, conforme é encontrado em TOTA e BASTOS (1993). Nesse cenário o corpo precisava então estar preparado para lutar, para agüentar diferentes formas de sofrimento e dor, pois era um instrumento de guerra, fundamental para a formação e para a continuidade de um império. Então o sentir devia ser ignorado para que fosse possível suportar as diversas formas de suplício direto ou indireto. E na etapa seguinte da história isso se intensificou ainda mais, já que os romanos fundaram, expandiram e defenderam seu império através da guerra.

Roma (756 a.C à 312 d.C) contava com o exército mais forte que já havia existido, o que lhe conferiu poder e prosperidade por um bom período. Mais importante do que comentar a sua história, falar das diversas contribuições que deixaram no campo do direito, da arquitetura, da medicina, da geografia e da filosofia (TOTA e BASTOS, 1993). Sem dúvida em especial no campo de direito, o que deixa claro a importância que eles davam para a estrutura de uma sociedade e sua organização. Sobre a medicina é interessante pensar que eles começavam então a intensificar os estudos sobre o corpo. Em relação à filosofia é importante citar o Epicurismo ou Hedonismo, que valorizava os prazeres, o sentir físico e as sensações não carnis (TOTA e BASTOS, 1993).

O cristianismo, que na próxima fase da história vai formar uma forte instituição, era até então censurado, proibido e vítima de perseguição pelas autoridades romanas, já que tinha um caráter “subversivo” e não aceitava o imperador como uma figura divina. Constantino aproximou a Igreja do Estado com o Edito de Milão, que permitia a liberdade religiosa e posteriormente, em 313 d.C. Teodósio instituiu o cristianismo como religião oficial (TOTA e BASTOS, 1993).

Nos séculos III e IV o Império Romano entra em crise, e como uma tentativa de superação ele é dividido em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente, e na seqüência um grande número de invasões bárbaras resulta na queda

de Roma (TOTA e BASTOS, 1993). É provável que diante de uma vida em constante risco, em que matar era visto quase como natural, as sensações corporais não pudessem ser enfatizadas, pelo contrário, deviam ser ignoradas e esquecidas. Apenas o prazer efêmero devia ser levado em consideração, como uma forma de prêmio ao corpo batalhador.

De acordo com TOTA e BLASTOS (1993), no século V, início da Idade Média dividida em Alta Idade Média (V a XI) e Baixa Idade Média (XI a XV), podemos ter uma análise mais sistemática do fator corporal na sociedade. Sabendo-se que na Alta Idade Média a economia era agrária e amonetária, baseada no feudalismo, a ciência baseada no teocentrismo e a filosofia patrística (mística, pessimista e fatalista), baseada principalmente em Platão, sendo Santo Agostinho é um dos nomes de maior destaque desse período. Em pesquisas feitas em seus escritos, como *As Confissões* e *A cidade de Deus*, encontramos registros voltados para a religião, para Deus, tratando do homem como um servo da Igreja e de Deus, contudo vale lembrar que a questão do corpo praticamente não é comentada. Na Baixa Idade Média a filosofia passa para a escolástica (racionalista e otimista, conjugando a fé e a razão) apoiada em Aristóteles. Temos como principal autor o Tomás de Aquino, que escreveu a *Suma Teológica*. Após fazer uma breve revisão dessa obra nota-se que o autor trata da religião também, que a igreja ainda é uma instituição a ser seguida cegamente, contudo o corpo aparece em alguns momentos, em especial quando ele trata do prazer, já de uma forma racional. A representação da figura humana foi proibida por alguns povos da Idade Média, em especial pelos árabes. (TOTA e BASTOS, 1993).

Há então um processo de Renascimento Comercial e Urbano com o fim das guerras, resultando na paz, no avanço técnico, no crescimento das cidades e no surgimento da burguesia. A igreja passa a ter um poder maior, já que o teocentrismo faz parte da cultura vigente. A igreja funda universidades com os cursos de Direito, Medicina, Sete Artes e Teologia (TOTA e BASTOS, 1993), tendo como base dos seus ensinamentos as idéias dos filósofos da antiguidade, como já foi visto, o que explica sua visão dicotômica, cultuando um espírito sagrado, que não existe sem um corpo, em detrimento de um corpo fraco, efêmero, inferior e mesmo sujo. O cristianismo traz consigo uma visão inovadora da relação entre o homem e a natureza, em que “o homem é destinado a se tornar independente da natureza na

medida em que ele deve caminhar em direção a Deus [...] a natureza não é eterna e o homem não é um ser na natureza, mas um ser diante dela” (SANT’ANNA, 2004, p.12). Enquanto na Antiguidade o homem estava ligado à natureza, agora o homem passa a ser superior à ela, passa a ser um observador, um transformador, seguindo a ordem da natureza, dos astros, contudo, como em Platão, muitas das histórias cristãs perdem sua lógica.

Parece ser mais adequado ao cristianismo fazer a separação entre o homem e a natureza, dotando de uma alma eterna e que transcende a própria natureza. O homem torna-se assim um ser que possui uma relativa independência em relação ao cosmo. Pois ele possui dentro dele a verdade, ou seja, ele é munido de uma alma. E, seguindo este raciocínio, é através da alma que, e não do corpo, que o homem consegue ver Deus. Por conseguinte, na medida em que o corpo dificulta esta visão, ele tende a ser execrado, considerado um obstáculo à descoberta da verdade e à salvação. (SANT’ANNA, 2004, p.13)

É possível notar na história, assim como diz SANT’ANNA (2004), que existe um processo de ruptura e de continuidade que ocorrem simultaneamente em relação às concepções de corpo que se tinha na Antiguidade com as que vieram no período medieval, já que à medida que muitos conceitos estavam mudando e outros continuavam sendo mantidos, principalmente no que diz respeito à relação do homem com a natureza envolvendo a saúde e o equilíbrio.

Na Idade Média inicia-se um processo em que, segundo SILVA (1999, p.3) “encontramos um corpo sacralizado, identificado como corpo religioso, cristão, cuja principal preocupação constituía-se na ocultação do mesmo.” Os conceitos de corpo foram deixados por um tempo, já que a igreja dominante na época desprezou “a natureza corporal humana a uma condição de submissão e rebaixamento” (GONÇALVES e COELHO, 2000, p.78). É possível observar nas críticas do pensador francês Foucault, estudioso sobre as relações de punição e vigília na sociedade, que nesse período a utilização de penas corporais, suplícios, para obter o perdão de Deus para a alma, foram utilizados das mais inimagináveis formas. O corpo deveria ser castigado, humilhado, deveria sofrer e ser negado, escondido, ser punido.

Damiens a pedir perdão publicamente... levado e acompanhado numa carroça, nu... sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas... em que se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro

cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo... e suas cinzas lançadas ao vento. (FOUCAULT, 1987, p. 9)

Encontramos em SANT'ANA (2001) o cristianismo como fonte religiosa dominante na Idade Média e, ainda, a alma como o único caminho para o homem se aproximar de Deus, o corpo tornasse um empecilho, um obstáculo para se atingir a este Deus. Segundo CAVALARI (1996) o clero e a nobreza utilizaram-se de uma forte coação ideológica e por vezes física para estabelecer sua visão de mundo ao resto da população, buscavam limitar as manifestações espontâneas, antes vastamente presentes, e queriam que se negasse o corpo como fonte do prazer para que se buscasse a purificação do espírito. Há uma visão negativa do corpo. Era importante para a força política emergente que fossem condenadas as práticas corporais, negando parte da cultura greco-romana que tinham profunda ligação com o corpo e seus prazeres (CAVALARI, 1996).

Um pouco mais tarde essa concepção de corpo passa a ser refutada, contestada, quando o corpo é colocado novamente como centro dos interesses, dessa vez econômicos. Há um resgate da cultura Antiga Clássica, confrontando os ideais impostos pelo clero e pela nobreza, ocorrendo uma reaproximação entre o corpo e a natureza. Isso porque a partir do século XI, se fortalece uma classe social totalmente nova na sociedade feudal que se apresentava: a burguesia, que emerge ao iniciar a Baixa Idade Média. A burguesia se contrapunha ao poder temporal da Igreja e do direito divino da monarquia, buscava mobilidade e ascensão social, pois possuíam um papel de destaque na manutenção do feudo, provendo-o com as necessidades da vida material. (PERNOUD, 1973)

De acordo com BROWN (1990), mesmo com a negação de muitos conceitos impostos naquela época, muitos temas cristãos primitivos permanecem impregnados em nossa cultura até hoje, como a renúncia sexual, o celibato e a continência. Em consequência da interação histórica que se estabelece entre os indivíduos e o meio, ocorre uma alteração na forma com que se dá a relação do homem com o seu corpo. Conforme SANT'ANA (2001, p.13) “paradoxal é o movimento da história, posto que ele escolhe, simultaneamente, rupturas e continuidades, a partir das quais, os modelos corporais, os valores e as utilizações do corpo se transformam, mas também guardam registros de sensibilidades vindos de épocas diferentes”.

O corpo foi na Idade Média também um meio de atingir as pessoas, de fazer aceitar, para não dizer impor, valores e idéias, através do combate ao que foi chamado de heresias, que era tudo o que ia contra ao pensamento oficial da Igreja. Do século XIII ao século XVIII a Santa Inquisição da Igreja torturou e matou muitos em prol de seus ideais, conforme TOTA e BLASTOS, (1993).

Em consequência ao crescimento das cidades e ao crescimento de uma nova classe social, a burguesia, as práticas mercantilistas² começaram a ganhar espaço, resultando no restabelecimento da escravidão, na própria continuação do crescimento das cidades e da burguesia, no aumento da urbanização e na mudança de costumes, em especial envolvendo alimentação e o consumo de artigos de luxo (TOTA e BLASTOS, 1993). A idéia de consumir, de comprar e vender, de lucrar começavam a se torna comum. O homem estava a um passo da criação do sistema econômico que mudaria todo o curso da história do ocidente, influenciando a forma de viver, de pensar o mundo, de pensar em si mesmo, em suas reais necessidades.

Saltando para o período renascentista, que sucedeu a Idade Média, encontramos em MARTINZ e IMBROISE (2006, p.64):

O termo Renascimento é comumente aplicado à civilização européia que se desenvolveu entre 1300 e 1650. Além de reviver a antiga cultura greco-romana, ocorreram nesse período muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica. O ideal do humanismo foi sem dúvida o móvel desse progresso e tornou-se o próprio espírito do Renascimento. Trata-se de uma volta deliberada, que propunha a ressurreição consciente (o re-nascimento) do passado, considerado agora como fonte de inspiração e modelo de civilização. Num sentido amplo, esse ideal pode ser entendido como a valorização do homem (Humanismo) e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média. Características gerais: racionalidade, dignidade do ser humano, rigor científico, Ideal humanista, reutilização das artes greco-romana.

Em suas obras os artistas buscavam representar o homem tal como ele é na realidade, se preocupando com a proporção da figura mantendo a sua relação com a realidade, com a profundidade e com a perspectiva, o que levou a um novo estudo do corpo e do caráter humano (MARTINS e IMBROISE, 2006).

Com tantas mudanças, com o choque de pensamentos entre a Igreja e a burguesia, com o aumento do comércio resultando em um maior contato entre os povos, a Igreja perdeu muito de seu poder. No período do Renascimento ocorreu

² Mercantilismo: Conjunto de praticas e idéias econômicas que subjugavam todas as atividades econômicas ao comercio, visando o fortalecimento do Estado e ao enriquecimento da burguesia mercantil. (TOTA E BLASTOS, 1993)

também desenvolvimento no campo científico, havendo destaque para as obras de Leonardo da Vinci, Copérnico, Galileu, Kepler, Bacon, Pascal, Newton e Torricelli, em suas teorias envolvendo o corpo, a matemática, o universo, de forma que as idéias da Igreja perderam ainda mais força. A igreja reagiu através das Reformas religiosas, iniciadas no século XVI, mas conforme a ciência avançava, a “fé cega” perdia território (TOTA E BLATOS, 1993). Posteriormente houve mais um período de revoluções e guerras, como o Absolutismo, a Revolução Francesa e a Guerra dos Cem Anos.

Até esse momento da história, independente da ordem vigente e do pensamento dominante, o trabalho sempre foi manual, independente dos meios pensados para auxiliá-lo. No século XVIII um evento, que na verdade é um conjunto de evoluções técnicas, resultado da idéia de lucro e praticidade inerente ao mercantilismo, do processo de urbanização, começou na Inglaterra e permanece assentindo até hoje: Na Revolução Industrial, James Watt cria a máquina a vapor, Morse cria o telégrafo, Fulton cria o barco a vapor. As distancias já não são tão grandes, a comunicação fica mais fácil, o trabalho já não é totalmente manual, podendo contar com as máquinas, a velocidade de produção aumenta, aumentam o número de fabricas, inicia-se o processo de concorrência, aumenta o consumo, as pessoas começam a vir do campo para as cidades (êxodo rural), o mundo passa a ter uma nova prioridade: o lucro. Com tantos trabalhadores as fábricas pagam pouquíssimo em troca de horários desumanos de trabalho, mulheres e crianças recebem ainda menos, as condições de trabalho são precárias e acidentes de trabalho comuns (FALCON e RODRIGUES, 2006). O corpo passou a ser menos eficaz e mais frágil do que as máquinas, tornando-se num instrumento para o trabalho, que devia ser alimentado o suficiente para agüentar sua carga horária, devia ser forte o suficiente para manejar máquinas e ser instruído o suficiente para operar as mesmas. Não existiam mais seres, homens, mas sim corpos trabalhadores. “A Europa, que consolida uma dupla revolução, é o lugar da formação de um novo homem e de uma nova sociedade regida por um espírito capitalista que passa a dominar quase exclusivamente aquele presente” (SOARES, 2002, p.19)

O sistema que agora se apresenta passa a exigir vigor físico, não aceitando mais um corpo esquelético, pois o vigor físico é sinônimo de melhor força produtiva, uma melhor ferramenta para uma boa produtividade. Para manter esse corpo a

fabrica necessita ampliar o seu controle sobre a vida social do operário, inclusive seu tempo livre, tentando incutir valores para que ele busque saúde através do exercício físico, para que haja uma melhora da preparação do corpo para o trabalho (SCHENEIDER, 1999).

Era preciso mais que isso. Além de um corpo forte o operário deveria possuir uma mente passiva que não questionasse suas condições de trabalho nem a nova configuração social. “Ao mesmo tempo em que se busca definir um corpo padrão excelente ao trabalho, busca-se o controle social em que todos os aspectos da vida sejam condicionados a não se perceber a mudança da corporeidade que lentamente se forma” (SCHENEIDER, 1999, p.32). Assim a educação física começa a aparecer com um papel importante, como um agente educador, “conformizador”, disciplinador. Não é objetivo falar aqui de sua história, contudo é importante citar que, segundo SOARES (2002) as pessoas encontraram na ginástica, no exercício físico, com seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico, um meio de educar a população, cada vez mais numerosa e “perigosa”, para obedecer, dentro dos objetivos do capital, além da sua suposta contribuição para a aquisição e preservação da saúde.

Também no século XVIII, na França estava surgindo um movimento cultural e filosófico denominado Iluminismo. Ele buscava explicações lógicas e racionais para todas as coisas. Ia contra o absolutismo, a intolerância religiosa e o mercantilismo, defendendo o naturalismo, o racionalismo, a igualdade social e o individualismo. Seus precursores foram Descartes, Newton e Locke (FALCON e RODRIGUES, 2006). Todos esses autores possuem estudos interessantes envolvendo o corpo, bem como Voltaire, Montesquieu e Rousseau, ambos filósofos iluministas.

Descartes é considerado um marco em diversos aspectos por muitos autores. Primeiro por que ele começa a se preocupar com a veracidade dos conhecimentos que existiam, e percorre a Europa em busca de um conhecimento que estivesse em si, que estivesse escrito no “livro do mundo”. É muito criticado pela clara separação que faz entre o corpo e a alma do ser humano, levando todo o pensamento conseguinte a se basear na mesma.

A primeira coisa com a qual se preocupou foi com aquilo que já sabemos, isto é, com a questão de saber se nossos conhecimentos são seguros. A segunda questão que mais lhe ocupou a atenção foi a relação entre corpo e alma. Essas duas problemáticas viriam a ocupar a discussão filosófica nos próximos cento e cinquenta anos. (GARRDER, 1995, p. 253)

SILVA (2004, p.25) diz que “a representação do corpo como máquina, traduzida em seu funcionamento pela mecânica newtoniana é uma idéia clássica de Descartes presentes em várias de suas obras, assim como sua empreitada de explicar as “paixões da alma”, colocando-se do ponto de vista de um físico”. Segundo o mesmo autor, o pensamento de Descartes predominou por um longo tempo deixando marcas profundas até a atualidade. Descartes é considerado o pai do racionalismo e, acreditava que alma era a própria razão (GARRDER, 1995).

Newton fala dos corpos dentro de princípios físicos, que não serão aprofundados aqui. Mas sem dúvida sua visão mecânica da realidade exerceu influência sobre as concepções de corpo da época.

Para SILVA (2004, p.26) “a concepção de corpo, naquilo que concerne a sua constituição mesma, teve um ponto de viragem fundamental ao longo da história ocidental, e que parece situar-se na Antiguidade Greco-romana, aproximadamente, entre os séculos 300 a.C. e 200 a.C., período conhecido como helenístico”. Não é objetivo questionar se essa viragem de fato ocorreu e o período em que ocorreu, o interessante é notar que diversos autores notaram modificações no entendimento que se tem do corpo nos diversos momentos da história. Outro pensador de relevância dessa época foi John Locke, segundo NETO:

No estado de natureza imaginado por Locke, o direito de propriedade existe e tem um fundamento lógico: sendo o indivíduo senhor de seu corpo, é, logicamente, igualmente proprietário dos frutos de seu trabalho. Ao modificar a natureza, um bem que é comum a todos, pelo trabalho de seu corpo, é direito do homem a propriedade sobre aquilo que modificou: seja uma maçã que ele apanhou do pé, seja um animal que ele caçou, seja um pedaço de terra que ele preparou e plantou. (NETO, 2004, p.1)

Locke se preocupa com a origem dos pensamentos, com a capacidade sensorial do homem, tentando compreender o funcionamento dos seus sentidos e estabelece um paralelo entre o que se pensa e o que é sentido, objetivando provar se é ou não possível confiar em nossos sentidos (GAARDER, 1995).

As reflexões e os estudos envolvendo o corpo por parte desses autores, bem como dos filósofos Voltaire, Montesquieu e Rousseau, não são predominantes em suas obras, sendo interesses envolvendo a economia e a política bem mais freqüentes.

Para FOUCAULT citado por MARTINS (2003, p. 6) “houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil e cujas forças se multiplicam”.

Em suas obras FREUD (1976) quando trata da formação dos sonhos inclui a participação do corpo nesse processo. Ele fala da importância da cenestesia, ou uma sensibilidade geral difusa em que todos os sistemas orgânicos participam de alguma forma, que estaria entre os estímulos somáticos capazes de definir o conteúdo dos sonhos. O mesmo autor diz que o homem é primeiramente um ser corporal. Ou seja, para se existir enquanto ser-humano é preciso ter um corpo. Assim, o corpo passa a ter uma importância na obras de Freud.

Seguindo a ordem cronológica, com o surgimento da doutrina política e econômica liberalista³, o capitalismo se estabilizou e se estabeleceu definitivamente, oriundo do século XIX. De acordo com SOARES (2002, p.19) “o século XIX merece a atenção daqueles que desejam compreender o homem e a sociedade do Ocidente. A Europa, que consolida uma dupla revolução, é o lugar da formação de um novo homem e de uma nova sociedade regida por um ‘espírito capitalista’ que passa a dominar quase exclusivamente aquele presente”. A dupla revolução em questão são as Revoluções Industrial e Francesa. Como consequência “ocorreu uma grande revolução científica dos laboratórios, da industrialização e do crescimento de disciplinas e de instituições sociais” (SOARES, 2002, p.19).

O Movimento Ginástico Europeu, que visava aprisionar as diferentes formas de expressão em uma só prática, modelando, ordenando, impondo limites e regras para as pessoas, evitando “excessos do corpo”, foi reflexo da nova ordem econômica, que exigia corpos menos humanizados, fortes, resistentes e disciplinados para o trabalho. Foi a partir dela que se teve um primeiro esboço da educação física de hoje (SOARES, 2002). Diversos estudos foram feitos visando atingir uma postura ideal, um molde perfeito, além de adestrar simultaneamente, o corpo era um mero instrumento, entretanto, desta vez era valorizado.

³ Liberalismo: Defendia a não intervenção do estado na economia, a livre concorrência baseada na lei da oferta e da procura, o livre cambismo, a livre iniciativa, a liberdade de contrato de trabalho, a propriedade privada e sua defesa, a divisão internacional do trabalho (FALCON e RODRIGUES, 2006).

Após a Revolução Francesa entramos na Idade Contemporânea. As passagens históricas que eram aqui de maior importância foram comentadas, de forma que iremos agora tratar da atualidade.

A história não é composta de fatos isolados, é como uma rede tecida por fatos, assim, não poderia chegar até os dias de hoje sem comentar alguns pontos tecidos anteriormente.

Como encontramos em VAZ (1992), um fato comum na sociedade contemporânea é o privilegiamento das atividades mentais sobre as atividades que envolvem o corpo. Isso fica visível na estrutura da sociedade, no processo de ensino, no próprio cotidiano das pessoas. Essa importância dada à mente é resultado de toda uma tradição que segue a séculos na história da humanidade, que separa o homem em corpo e alma, ou, em corpo e mente. Um paradigma criado historicamente, não apenas por um homem, Descartes, quem sem dúvida foi uma grande influência, mas por toda uma cultura imposta por diferentes ordens dominantes em cada momento. A existência humana é apresentada na forma do corpo. Assim, tudo o que é vivido, aprendido, expressado, desejado, sentido e pensado passa necessariamente pelo corpo. O domínio das civilizações, o poder sobre diferentes povos, bem como a imposição de crenças aconteceu em várias passagens com base no suplício do corpo, na ameaça à integridade física, nas diferentes formas de dor. Como resultado hoje existe um senso muito enraizado sobre moral que precisa ser pensado e questionado.

“O homem sempre teve dificuldade de ver claramente sem preconceitos o seu próprio corpo” (GONÇALVES e COELHO, 2000, p.109). O homem, nos mais variados ambientes, por vezes se relaciona com o seu corpo como se explorasse algo exterior a ele. Evita pensar no corpo, limitando-se a “utilizá-lo” quando necessário, tornando-o um instrumento do cérebro, que lhe dita o que, como e quando fazer, tendo o seu senso sobre “moral” como termômetro do momento certo para se parar ou continuar uma atividade, sem que o próprio corpo seja pensado ou sentido de maneira consciente. Além da questão da fragmentação do corpo, existe a questão dos valores que o cercam, que o prendem, que o proíbem. De onde vieram e por que existem esses valores, por que não questionados, apenas internalizados e transformados em verdade? De fato, para se viver em sociedade à existência de regras é importante, não quero dizer o contrário, a questão está nas normatizações

atuais, no conjunto de regras que existe e seus objetivos, suas conseqüências. SILVA (2001, p.89) nos fala que

[..] apesar da diversidade de expectativa do corpo que permeiam as diferentes culturas, fundamentadas em critérios muito diversos daqueles da cultura ocidentalizada urbana moderna, há um investimento mercadológico não só em uma expectativa de corpo, mas num tipo de relação instrumental e apropriável dos indivíduos com sua dimensão corporal, numa ampliação do que se pode chamar de cultura do consumo e do narcisismo. (SILVA, 2001, p.89)

O ser humano é dotado de sentidos, de desejos, de insatisfação. A indústria se apropriou disso, a fim de promover o consumo, de vender e aumentar os lucros. O bem-estar agora é comprável, aliás, parece que se tornou apenas comprável. A tensão do excesso de pudores é aliviada por produtos, legalizados ou não, entorpecentes, por novelas em que os personagens vivem o que aqui não é possível, enfim, no consumo de variados agentes amenizadores. Ou ainda por pensamentos proibidos, ora libidinosos, violentos, mal-criados, ora contos de fada, tudo para sentir que é possível se expressar e sentir de alguma forma. Modelos e padrões foram elaborados e colocados. “A mundialização de um ‘corpo – referência’, constituído pelas imagens biológicas e pela estratificação das amostras pesquisadas, é fundada num corpo - objeto, dado que as características do sujeito e da cultura foram deliberadamente excluídas para possibilitar a sua generalização” (SILVA, 2001, p.91).

Assim como explanam GONÇALVES e COELHO (2000), existir passa a ter dois sentidos: um de “coisa” (objeto) e um de “consciência” (sujeito). Pensando no corpo, isso fica um tanto ambíguo, já que ele se manifesta como sujeito e objeto, contrariando as definições dos sentidos opostos. “Como vou me desprender das minhas sensações para ver o meu corpo como objeto?” (GONÇALVES e COELHO, 2000, p.110).

O cuidado com o corpo é considerado exigência da Modernidade, sendo ao mesmo tempo resultado e produto de uma série de elementos: o desenvolvimento da ciência e das tecnologias, a expansão do mercado de produtos e serviços para o corpo, a substituição da higiene pelo prazer, a identificação da personalidade com a aparência. O cuidado vem se transformando numa ditadura, pela qual o corpo deve corresponder à expectativa moderna: ser moldado arduamente e sem vestígios de naturalidade. O corpo, dessa forma, adquire um novo valor e constitui, juntamente com a ciência e o mercado, um novo arquétipo da felicidade. (SILVA, 2006, p. 160)

Conforme Silva existe uma preocupação com o cuidado do corpo. Cuidar do corpo na sociedade moderna tem um sentido voltado para a saúde e para a estética. A generalização de dados, a criação de modelos, de padrões, é sem dúvida interessante para a indústria, que se utiliza da mídia para difundi-los. Ainda segundo SILVA (2001, p.93) “a lógica mercantil propicia o enquadramento da beleza corporal, uma objetivação estética que reforça um sentimento de posse, ao mesmo tempo em que um distanciamento ou uma perspectiva de exterioridade do corpo”. As pessoas querem seu corpo mais “jovem”, mais “saudável”, reconstruindo-os com o auxílio dos avanços tecnológicos, como é possível ver a todo instante na mídia de forma quase banalizada.

Substituído pelo corpo-imagem, desejado especialmente pelo que pode consumir da indústria cultural, de modo que, para essa nova indústria, o que passa a valer é o que se aparenta ser, não o que essencialmente é. Criam-se assim necessidades para esse corpo que deve estar sempre atento às novidades de um padrão de beleza corporal em constante mutação. (SCHENEIDER, 1999, p.34)

Ou seja, além de todas as marcas da repreensão, da negação e da banalização do corpo, temos ainda estereótipos corporais a serem seguidos, que causam insatisfação consigo, vergonha do próprio corpo, o desejo de se parecer com modelos. O corpo ainda é um meio de absorção de ideais e valores, ora para vender algo, ora por interesses políticos, de forma que ele é bombardeado diariamente por diferentes veículos de informação.

Por que refletir sobre isso, por que entender um pouco da história humana sob a perspectiva do corpo? SILVA (2006, p.160) em seus estudos comenta algo que acredito ser uma breve resposta:

Por situar-se na interconexão entre a Cultura e a Natureza, o corpo representa um importante foco de reflexão para o renorteamento do eixo civilizatório, dada à existência de uma profunda crise mundial que atinge desde os âmbitos social e econômico, como o político e o ecológico, com implicações éticas e epistemológicas para o futuro da vida no planeta.

2.2 Corpo, Educação e Educação Física

A compreensão que se tem de educação é importante para esse capítulo. Para FREIRE (2005) e educação pode ser uma “prática de liberdade”. Este autor ainda difere educar de “massificar”, processo que está incrustado nas instituições de ensino hoje. Diz também que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 2005, p.43). O processo educativo e a sociedade andam juntos. Assim educar poderia ser o ato de conscientizar, de tornar reflexivo, autônomo, crítico, perante si e diante da sociedade. Observamos que nem Freire, nem qualquer outro autor, ousaram citar uma fórmula para tanto. A diversidade humana não permite a existência de um único processo de ensino para todos, esse talvez seja o fator que resulte no produto “massificação”.

Gostaria ainda de propor uma reflexão a cerca de um trecho da Legislação Educacional, citando os títulos I e II das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, retirados do site do MEC em outubro de 2006:

TÍTULO I

Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

TÍTULO II

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O corpo parece distante em compor um elemento de reflexão entre os educadores, como fica evidenciado na sua ausência entre as leis de diretrizes e

bases. Quando fala do “pleno desenvolvimento do educando” considera apenas o desenvolvimento de habilidades para o trabalho. Conforme SILVA (2001, p.96) “as questões relacionadas ao corpo e à cultura não tem sido suficientemente refletidas por parte dos educadores: devemos considerar as ambigüidades de uma expectativa de corpo produzida como elemento para a esfera do consumo tornando-se ao mesmo tempo, um sonho inatingível [...], mas também um incentivo ao cuidado de si”.

Quando nos referimos à educação aqui, falamos de sua face formal, dentro de uma instituição voltada para o seu processo: a escola. A escola hoje está pautada nos objetivos da sociedade a que pertence, sendo esta por sua vez regida por um sistema econômico capitalista. De acordo com PINTO (2005, p.6) “a formação do indivíduo está pensada para a finalidade do mercado produtivo e não para auxiliá-lo a desenvolver meios para pensar neste. Não cria algo novo, [...] apenas reproduz a si mesmo, por meio de uma concepção que confere a educação à função de redentora das mazelas do país”. Ou seja, a educação prepara para o trabalho, encaminha para uma profissão, relegando ao corpo um objetivo definitivamente secundário, já que a mente é a principal regente de todas as tarefas, devendo o corpo apenas estar saudável para bem atendê-la.

Na escola o papel do corpo era, e talvez ainda seja, de deslocar a mente dos alunos e de absorver regras e disciplinas implícitas no cotidiano escolar. Isso por que em todos os momentos o corpo está sendo educado. Não é apenas na aula de educação física que o trabalho com o corpo acontece. “Há na escola um tratamento implícito do corpo, não tão declarado de forma franca e aberta. A educação corporal está articulada com outras práticas muitas vezes semi-ocultas [...] a modelagem do corpo se estende em cada interstício da arquitetura escolar” (CACHORRO, 2003, p.223). A disposição das carteiras, a estrutura das mesmas, o pátio, a divisão dos tempos, as regras, o uniforme, o quadro negro, todos exercem uma influência nos alunos, dizendo a ele como agir, como sentir, como pensar, como fazer, como ser. Pouco a pouco os “processos sociais são incrustados no corpo de alunos, em uma escala de percepção não tão discernível” (CACHORRO, 2003, p. 224). São como meios de controle social (FOUCAULT, 1975).

Pensando no corpo, “multifacetado, pluridimensional” (OLIVEIRA, 2003, p.156), construído constantemente, o que é pensado para ele na escola? A

disciplina de educação física é hoje a encarregada de dar conta da educação desse corpo. Essa divisão curricular não me parece coerente, considerando o fato que eu já expus em diversas oportunidades: Não há como dividir o que eu sou do meu corpo, já que eu sou o meu corpo. “A sala de aula tradicional trabalha o cerebral, o racional ou o intelectual. Nas aulas de educação física o ‘corpo físico’ é desenvolvido” (SANTO, 1998, p.43).

Assim a educação física fica encarregada de trabalhar com o que “se convencionou chamar de cultura corporal do movimento” (OLIVEIRA, 2003, p.156), sob as perspectivas da aptidão física, da saúde, da qualidade de vida, e de práticas igualmente reducionistas. A educação física passou a compor o currículo escolar num período em que representava não mais que a ginástica (SOARES, 2002), que o condicionamento físico. Não creio que a educação física tenha entrado em crise de identidade, ou que deva entrar, contudo, assim como todas as áreas de conhecimento, a educação física precisa acompanhar as novas formas de se pensar a realidade e a existência que estão se configurando.

A totalidade humana, seguindo uma linha de raciocínio holística em que tudo o que existe é interdependente, vem sendo buscada, estudada, pensada e até sentida com maior preocupação e atenção. Assim, creio que possivelmente a escola deverá passar por um processo de mudanças nos próximos anos, visando atender pessoas, e não cérebros. Isso por que os corpos educandos estão começando a sentir essa prisão, e parece-me que uma sutil revolta já se iniciou. O corpo deixou de ser por muito tempo um espaço de concretização da vida e assumiu uma imagem de ‘casca residência’ para os comandos da razão. Em concordância com CACHORRO (2003, p.228) “a reivindicação pós-moderne do que sente o sujeito, no marco a uma escola moderna desvalorizada, tem dado lugar à expressão acentuada dessas dimensões do sentir, antes ausentes, postergadas e secundarizadas pela prioridade concedida à dimensão intelectual.” Os alunos estão gritando por dentro, pois parecem estar se lembrando aos poucos de sua essência, do que são, do seu direito a felicidade, da sua liberdade. Um processo lento está modificando a instituição escolar, que é a revolta dos alunos em obedecer a regras sem por que aparentes. O corpo pede, anseia, deseja, ou seja, o que por ele é desejado, indo contra a vontade de gritar, de saltar, de falar, de pegar, de sentir. “A escola moderna propõe uma

repressão dos desejos, sugere a sublimação das energias libidinais, controla a vontade dos desejos dos jovens [...]” (CACHORRO, 2003, p.226).

Não tenho muitas dúvidas de que os seres humanos “não se lembram mais de que são seres humanos, pois não tem sido educados como tais (...) Podemos culpar a mídia, o desenfreado processo econômico, as ideologias mais à esquerda ou à direita, porém seguramente a escola é considerada a primeira vilã desse “esquecimento”. (SANTO, 1998, p.37)

Santo nos remete a uma reflexão quando fala de um leão que foi educado como um cachorro e, que mesmo agindo como um cão ainda ruge, não consegue latir. Isso porque em sua essência, ele permanece um leão. O homem continua sendo pleno, mesmo que o ensinem a se dividir em diversas partes e existências. A leitura que muitas instituições de ensino fazem é que essa revolta à repressão do corpo se define como falta de disciplina. Mas o que é disciplina?

A própria palavra disciplina nos leva a uma série de reflexões que envolvem o corpo: algumas escolas têm como objetivo educar e disciplinar, processos que ocorrem diretamente através do corpo. Até que ponto se está disciplinando e a partir de que outro ponto se está alienado, usando o corpo para ensinar a obedecer sem questionar? Segundo a pedagoga ZACHARIAS (2006, p.1) a disciplina deve ser considerada como:

o domínio de si mesmo para ajustar a conduta às exigências do trabalho e de convivências próprias da vida escolar, não como um sistema de castigos ou sanções que são aplicadas a alunos que alteram o desenvolvimento normal das atividades escolares com uma conduta negativa. A disciplina é um hábito interno que facilita a cada pessoa o cumprimento de suas obrigações, é um autodomínio, é a capacidade de utilizar a liberdade pessoal, isto é, a possibilidade de atuar livremente superando os condicionamentos internos ou externos que se apresentam na vida cotidiana.

O corpo aluno deve ser orientado sim, não obrigado, estimulado, não alienado, levado a aprender, e não ensinado. Segundo ZACHARIAS (2006, p.1) “em uma escola não existem problemas de disciplina: há alguns alunos com problemas, a cuja formação é preciso atender de uma maneira particular”. A disciplina vem no sentido de auxiliar na convivência de um grande numero de pessoas, sem anular a individualidade, a necessidade de se expressar de cada aluno.

Existe uma grande diferença entre ‘ter’ e entre ‘ser’ o corpo. A escola tradicional ainda parece estar preparada para receber alunos em fatias, em partes

heterogêneas, ligadas entre si por algum fenômeno físico “inexplicável”. Como diz FREIRE (2000, p.12) “corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo (...), por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará”. E ainda conforme SANTO (1998, p.43) “realmente nossas escolas induzem seus alunos a uma visão de absoluta fragmentação seja no nível do conhecimento que lhes é levado em ‘disciplinas estanques’, seja na visão de ‘si mesmos’ como seres compostos de corpos distintos”.

O ser humano é dotado de cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. A escola limita a participação desses sentidos durante as aulas. Os “sentidos da distância”, segundo BAITELLO JÚNIOR (2001, p. 33), como a visão e a audição são hiper - valorizados em nossa civilização, ficando o olfato, o paladar e especialmente o tato, em segundo plano, resultando num déficit na consciência corporal da pessoa. Baitello Junior chega a comentar que “se a cultura humana continuar a valorizar a distância, podemos perder o sentido do tato e o contato da pele”. Ainda segundo MIGLIORI (1998, p.20) “vivemos na era do audiovisual. Pouco tocamos ou quase nada provamos ou cheiramos. Há ocasiões, inclusive, em que qualquer uma dessas atitudes pode ser classificada como extremamente inadequada”.

Todos têm uma história, um acervo motor, movimentos inatos, próprios, que vão se retraindo e, mesmo sumindo ao longo da vida, conforme as pessoas vão sendo coagidas por “certos e errados”, por pudores que são internalizados com a interação social. Esse corpo retraído e preconceituoso é o mesmo corpo que chega na escola, na aula de educação física. GOMEZ citado por CACHORRO⁴ (1995) define a cultura escolar como

[...] o conjunto de significados e comportamentos que produz a escola como instituição social. As tradições, costumes, rotinas rituais e inércias que a escola estimula e se esforça em conservar e reproduzir, condicionam claramente o tipo de vida que nela se desenvolve e reforça a vigência de valores, crenças e expectativas ligadas a vida social dos grupos que constituem a instituição escolar (GOMES, apud CACHORRO, 1995)

⁴ CACHORRO, Gabriel. Cultura escolar e educação física: uma abordagem etnográfica. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo. A educação física no Brasil e na Argentina: Identidade, desafios e perspectivas. Campinas. Autiões Associados, 2003.

A disciplina de educação física, sendo um componente curricular obrigatório, faz parte da cultura da escola, tanto quando todo o conjunto de disciplinas escolares. Como seu nome propõe, ela é encarregada de trabalhar explicitamente com o corpo, visando uma educação integral. Integral porque enquanto todos trabalham a mente ela trabalha com o corpo. De acordo com CACHORRO (2003, p.226)

Uma educação física dentro de uma cultura escolar não deve se configurar como disciplina petrificada, especializada em uma parte do corpo [...] Deveríamos tomar o corpo por um texto escrito por um contexto, quer dizer, produzido por realidades múltiplas e configurado em cada realidade particular e, a partir dela, contemplar o desenho ocasional que aparece entre nós: são corpos hediondos, são corpos babosos, corpos famintos, corpos rígidos, corpos mestiços, corpos naives, corpos light, corpos tatuados e perfurados inscritos nas mutações da cultura (CACHORRO, 2003, p. 226)

Assim o que justifica a existência da educação física na escola hoje é o fato de haver a necessidade do trabalho com o corpo. Sendo ela um componente curricular obrigatório, ela deveria estar em comum acordo com a ideologia da escola, agir em conjunto com os objetivos educacionais da instituição, ao invés de ser um recreio prolongado voltado para práticas físicas. Contudo, se toda a escola ainda tem uma filosofia que considera o corpo e suas necessidades um problema, um estorvo, ela terá que começar uma mudança envolvendo toda a sua estrutura física e filosófica. Ou seja, começar a pensar sobre o ser corpo em tempo integral no seu espaço de aula.

Segundo CASTELLANI FILHO (1998, p.41) a educação física hoje envolve práticas fragmentadas que ameaçam cada vez mais o homem em sua integridade nos aspectos físicos, mentais e espirituais. A própria nomenclatura Educação Física remete à conclusão de que existe uma educação não-física. Uma acontece num local informal, a outra em uma sala em silêncio, pois é “seria” (GONÇALVES E COLELHO, 2000, p.118). Uma pergunta proposta também por GONÇALVES E COLEHO (2000, p.119) continua sem resposta: “não é possível desenvolver a aprendizagem e a cognição procurando-se trabalhar também com a dimensão do movimento do aluno e avaliando-se assim?”. O movimento pode ter um fim em si, não precisa ser apenas um meio para o desenvolvimento da cognição. O que quero propor é que ele não seja ignorado. Como falar de globalidade se o processo de formação é fragmentado? A dicotomia no ambiente da educação física é discutida há tempos. A questão não está em diagnosticá-la, mas em repensar o papel dessa

educação física enquanto componente curricular obrigatório na escola, e parar de diferenciar um professor de um professor de educação física, já que ambos são, ou deveriam ser educadores. Uma educação global, que compreende o aluno em suas diversas e inseparáveis possibilidades, necessidades e restrições; tem implicações na “construção das subjetividades, na cognição, na forma de ver o mundo” (GONÇALVES E COELHO, 2000, p.120) não havendo espaço para uma educação e uma educação física. O corpo e o movimento são indissociáveis.

Para você estar aqui agora, trilhões de átomos agitados tiveram de se reunir de maneira intrincada e intrigantemente providencial a fim de criá-lo. É uma organização tão especial que nunca antes foi tentada e só existira desta vez... se você se desintegrasse, produziria um montículo de poeira atômica sem um sinal de vida. (BRYSON, 2006, p. 3)

Não vou entrar em conceitos da física, mas lembrar que quando falamos em corpo, inevitavelmente estamos falando sobre movimento. Por maior que sejam as nossas limitações, ou mesmo que procuremos estar “estáticos”, de alguma maneira estaremos nos movimentando. Considerar a educação física a única responsável por essa tarefa é algo pouco possível. Logo “a aprendizagem e a construção do conhecimento também com o corpo em movimento em Educação reconhecem a necessidade de ir além dos referenciais de senso comum que vêem a Educação Física como uma disciplina voltada exclusivamente para a manutenção da saúde do corpo” (GONÇALVES E COELHO, 2000, p. 122).

Quando se pensa em movimento corporal, deve ser levado em consideração que se está mexendo mais do que um corpo. Sensações, impressões e pensamentos estão sendo investigados e expostos pelo ser que está praticando os movimentos. “Não é possível compreender o mundo, sem compreender a si próprio. Não é possível compreender o constante movimento deste ciclo territorial que é a Terra, no qual cada um e tudo está inserido, “flutuando” no universo, se não compreender a própria essência do movimento corporal.” (BREGOLATO, ANO, p.75)

O corpo é essencial para a existência, desde o seu surgimento, seguindo por sua perpetuação, até a sua extinção. Segundo BUENO (2006), movimento é um estado em que um corpo muda constantemente de posição quando comparado a um ponto fixo. Tratando especificamente do ser humano, a relação entre “homem e movimento” ou “corpo e movimento” não só é importante para a que ele exista, como

também para que ele viva bem essa existência, para que ele compreenda essa existência.

Quando pesquisamos nosso movimento estamos simultaneamente provocando uma reeducação dos sentidos, dos sentimentos e da própria razão. Estamos ressignificando o corpo como agente irradiante, primeiro e principal de todo o processo educativo, de todo o processo de reconstrução da experiência vivida em níveis cada vez mais refinados e inteligentes. (NUNES, 2003, p.31)

O processo educativo, a educação física, não pode desconsiderar o movimento, já que este é uma condição de existência e, exerce influência no ser, no agir, no refletir.

Tornou-se senso comum a idéia de que o corpo é um instrumento do homem. Quando chamamos o corpo de “instrumento do homem” concordamos que ele pertence ao homem, não podendo ser o próprio homem. Um instrumento é algo a ser utilizado por alguém, um objeto que pertence a alguém. Assim, o “meu corpo” e o que “eu sou” são duas coisas distintas.

O corpo humano, independente de suas limitações, e até por conta delas, pode ser vivido e tratado na sua singularidade, na verdade do seu desejo, da sua sensibilidade, dos seus gestos, o que é devastador para tudo aquilo que conspira para a vida sem significado. Viver a superação do nosso preconceito pela desconstrução da pedagogia que atravessa o nosso corpo e que não só nos inventou, mas também forjou o modo pelo qual tratamos uns aos outros. (Nunes, 2003, p. 33)

Dentro do universo escolar, recheado de problemáticas, temas e objetos para estudo, o homem em sua manifestação existencial corpórea está no centro de todas as discussões. Não há como se pensar o conteúdo da educação física, sem se pensar primeiro no próprio homem em meio a todo o processo educacional.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesse estudo se embasa numa pesquisa na literatura, visando realizar uma revisão sobre alguns pensamentos acerca das concepções que o homem tem do seu corpo, de forma a permitir diferentes reflexões. Esta revisão se pautou em livros da área de educação física, da dança, da filosofia, da psicologia bem como da história geral. Esse material foi colhido na biblioteca do Departamento de educação física da Universidade Federal do Paraná, da Universidade Católica do Paraná e do Centro Universitário Positivo. Utilizou-se também de artigos, dissertações, teses e outros trabalhos acadêmicos, encontrados principalmente na Biblioteca Virtual da Unicamp, da Universidade Federal da Uberlândia e no Boletim de Educação Física, buscando contemplar o tema de maneira relevante para a área de educação física.

4 CONCLUSÃO

O corpo, sendo historicamente construído, passou por diversos processos, transformações, por diferentes concepções e mesmo por repressões. O ser humano, estando mergulhado numa correnteza de fatos, vive um constante processo de mutação. Da Antiga Grécia até a atualidade ocidental é fantástico o legado histórico-cultural que o corpo carrega consigo, incrustado em cada célula, em cada fibra, em cada sensação. Inevitavelmente cada mudança de época, entre choques culturais, guerras, mudança de sistema econômico, de pensamento de poder, deixou um legado que o homem trouxe consigo em forma de idéias e valores. A manifestação da existência se dá através do corpo, corpo esse que chegou à atualidade como um mero componente do que nós realmente somos, logo, sendo inferior, instrumentalizado, banalizado, sufocado por pudores, afogado em padrões.

Unido a essa herança que os seres humanos deixaram para si ao longo dos tempos, ainda temos outros agentes influenciando o homem a cada minuto. A indústria do consumo unida à mídia nos diz o que queremos, o que devemos querer. Diversos modelos nos dizem como devemos ser, como devemos agir, como devemos nos vestir. As pessoas que nos cercam nos dizem com seus olhares tortos o que devemos e o que não devemos fazer. O corpo é o alvo de todos eles. Através do corpo é que nos ditam tantas regras, nos calam, nos ensinam a aceitar. Cabe ao corpo a tarefa de nos permitir existir, de sentir o que queremos e não queremos, de pensar, de nos permitir agir. Com tanta responsabilidade como ele pode ser apenas um utensílio do cotidiano? Se existimos através do corpo, se nos manifestamos através dele, nós necessariamente não temos, mas sim somos o corpo. Mesmo por que, um utensílio é algo dispensável, que você pode acordar e decidir deixar numa gaveta. Não creio que seja o caso do corpo. É este corpo, incerto do que é, que está na escola. No papel de aluno e no papel de professor.

Existe na escola hoje a educação física, o que nos faz concluir que existe também uma educação não física. Além desse jogo de nomenclaturas, na prática é possível notar a existência de uma divisão curricular, se não fidedigna, muito semelhante a ele. Existem as aulas para a mente e a aula para o corpo. Existe o momento serio da sala de aula e o momento da descontração da quadra. Existe o momento em que os alunos devem estar imóveis, pois o movimento atrapalha o processo de ensino, e o

momento em que devem aproveitar para descarregar toda a vontade de mover o corpo. Considerando a educação física enquanto uma disciplina com fins educativos, se o corpo composto de átomos em movimento, e a existência dependente do movimento, será que apenas uma disciplina pode dar conta de educar o indivíduo se utilizando do movimento? Será que é realmente apenas na aula de educação física que a educação corporal acontece? Afirmo que no cotidiano escolar o corpo é educado todo o tempo, através da divisão de tempo, de espaço, através do uniforme, da disposição das carteiras, do sinal, das filas. Não apenas os profissionais de educação física, mas todos os envolvidos no processo educacional das instituições de ensino estão em contato com corpos em constante movimento. Logo, é preciso que estes profissionais repensem os seus métodos e objetivos. Não me parece mais haver espaço para uma educação física e uma educação não-física dentro da escola. Os corpos educandos são um todo indissociável, e a atual divisão curricular não atende essa totalidade. Aliás, perpetuam essa divisão incoerente. Não quero dizer que “mente e espírito” inexistem, mas sim que tudo o que somos é uma manifestação só, e não um apanhado diverso. Para que se altere essa noção dicotômica, e até tricotômica de ser que os alunos possuem, precisamos primeiramente reformula-la nos professores. A formação de um professor ainda segue esse modelo defasado que divide o homem, que ignora o corpo. O mesmo método de ensino que critico na escola está colocado nas universidades, de forma que os profissionais que dali sai apenas reproduzem o que aprenderam em sua formação. A partir dessas análises um estudo que poderia e deveria ser feito é acerca do papel do corpo na formação os professores. Como as divisões de conteúdo, de tempo e de espaço são feitas? Ela ainda acontece valorizando a mente em detrimento ao corpo? Existe uma preocupação com os alunos em sua manifestação corporal?

Mudar toda a estrutura nacional de educação é uma tarefa de longo prazo, afinal, toda mudança de comportamento exige tempo para a assimilação e adaptação. Também não cabe a apenas uma área de conhecimento propor tal mudança, tendo em vista que o processo de ensino envolve toda a escola. Enquanto o sistema educacional não é repensado, cabe aos profissionais do componente curricular educação física, mudarem o seu papel dentro da escola. Passar a valorizar a educação física enquanto uma disciplina, com a mesma importância e valor

educacional que outros componentes curriculares. Ensinar os alunos a serem o corpo. Tomar para si a função de educar, tendo no movimento corporal um fim e um meio.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Eduardo Manuel. **Um sonho possível**: Do materialismo sustentável a uma vida holística sustentável. São Paulo: WHH, 2003.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. Corpo é vínculo. 20ª ed. ano IV nº02. São Paulo: Daniele Monteiro. Revista dança e cia. Junho, Julho, 2001.
- BERGE, Y. **Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BREGOLATO, R. A. **Livro do professor e do aluno**: cultura corporal da dança. Vol.1. São Paulo: Ícone, 2000.
- BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
- BROWN, P. Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BRYSON, Bill. **Breve história de quase tudo**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD S.A. 1996.
- CACHORRO, Gabriel. Cultura escolar e educação física: uma abordagem etnográfica. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo. **A educação física no Brasil e na Argentina**: Identidade, desafios e perspectivas. Campinas. Autores Associados, 2003.
- COSTA, Patrícia Variz da; LIMA, Maristela Moura Silva; VIEIRA, Alba Pedreira. **A construção do processo ensino-aprendizagem escolar através de experiências corporais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12. 2001, Caxambu. Sociedade, ciência e ética: desafios para a educação física/ciências do esporte. **Anais...** Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.
- DIAS, João Carlos Neves de Souza e Nunes; ARAÚJO, Allysson Carvalho de. **Corpo, técnica corporal e conhecimento**: reflexão sobre a construção do corpo na ginástica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 8., 2002, Ponta Grossa. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.
- DURANT, Will, **História da Filosofia - A Vida e as Idéias dos Grandes Filósofos**, São Paulo, Editora Nacional, 1.ª edição, 1926. Disponível em: < www.mundodosfilósofos.com.br > Acesso em 28 ago. 2006.

FALCON, Francisco; RODRIGUES Antonio Edmilson. **A Formação do Mundo Moderno**, Editora: ELSEVIER EDITORA LTDA: Edição: 2006.

FERNADES, Anibal de Almeida, **Religião no Egito Antigo** in <http://www.historianet.com.br>, Março, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Historia da violência nas prisões**. 31ªed. Petrópolis RJ: Vozes, 1975.

FONTES, Joaquim Brasil. O corpo e sua sombra In: SOARES, Carmem Lucia. **Corpo e História**. Campinas – SP, Autores Associados, 2ªed. 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como pratica de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREITAS, Giovanina Gomes. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, V.5. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GONÇALVES, Clézio José dos Santos; COELHO, Luciana de Menezes. **Onde está o corpo no processo de aprender e avaliar?** in PAIVA, Maria da Graça G.; BRUGALLI, Marlene (Org.). Avaliação: novas tendências, novos paradigmas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

JOÃO, Renato Bastos; BRITO, Marcelo de. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 263-272, jul./set. 2004.

LIMA, Fábio Luis Ribeiro de. **As concepções de corpo na filosofia e na sociedade**: da fragmentação a compreensão de uma totalidade. Curitiba, 1999. 25f. Monografia. Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Concepções de corpo na graduação em educação física: um estudo preliminar com professores. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 9, n. 66, nov, 2003.

WebSite por MARTINS Simone R. e IMBROISI Margaret H., **Renascimento**, <http://www.historiadaarte.com.br>

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação**: o programa de educação em valores humanos. 6 ed. Peirópolis: Fundação Peirópolis, 1996.

MOROZOWICZ, M. **Vida em movimento**: TMM - técnica de movimento Milena Morozowicz. Curitiba: Movimento, 1996.

NETO, Francisco Edilberto M. Machado. Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar. Centro de Estudos Sobre Intolerância - Maurício Tragtenberg. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Maringá 03.12.2004.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Práticas Pedagógicas da Educação Física nos Tempos e Espaços Escolares: a corporalidade como termo ausente? In: BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo. **A educação física no Brasil e na Argentina**: Identidade, desafios e perspectivas. Campinas. Autires Associados, 2003.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo: teoria e história. **Perspectiva**: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, v. 22, p. 13-19, jul./dez. 2004. Número especial.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de, et al. Fontes para o estudo histórico das práticas corporais escolares e da constituição da educação física escolar no estado do Paraná. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 145-158, set. 2003.

PADOVANI, Umberto e CASTAGNOLA, Luís, **História da Filosofia**, Edições Melhoramentos, São Paulo, 10.^a edição, 1974. Disponível em: < www.mundodosfilósofos.com.br > Acesso em 28 ago. 2006.

PERNOU, R. As origens da burguesia. Povia de Varzim-Portugal: Publicações Europa- América, 1973.

PINTO, Carlos Ignácio. Os Conceitos de Educação no Brasil: Uma análise sobre Arnaldo Niskier. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra12/arnaldoniskier.doc>> Acesso em 10 out. 2006.

PORTINARI, Maribel. História da dança. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SANTO,

SANT'ANNA, D.B.de. É possível realizar uma historia do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia. (Org.). Corpo e Historia.Campinas:Autores Associados, 2001, p.3-23.

SCHENEIDER, O. O corpo uma abordagem histórica. In: Grupo PET. **Sobre educação e educação física**. Vitória: UFES/CEFD, 1999, p. 21-40.

SILVA, Ana Márcia. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, Carmem Lúcia. (Org.). Corpo e história. Campinas:Autores Associados, 2001, p.3-23

SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

_____. **Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional.** *Cad. CEDES*, Agosto. 1999, vol.19, n°.48, p.07-29. ISSN 0101-3262.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação no corpo: A rua, a festa, o circo, a ginástica.** In: *Corpo e Historia*. Campinas – SP, Autores Associados, 2ªed. 2002.

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

VAGO, Tarcísio Mauro. A educação na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. In BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo (org.) **A educação física no Brasil e na Argentina: Identidade , desafios e perspectivas.** Campinas: Autores Associados, 2003.

VAZ. H.C.L. **Antropologia Filosófica.** São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

VERGEZ, André e HUISMAN, Denis, **História da Filosofia Ilustrada pelos Textos**, Editora Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 4.ª edição, 1980. Disponível em: < www.mundodosfilósofos.com.br > Acesso em 28 ago. 2006.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara F. in <http://www.centrorefeducacional.com.br/discipli.htm>, acesso em outubro de 2006.